

DECOLONIZAR SABERES, RUFAR TAMBORES, FAZER-MEMÓRIA: A POÉTICA DE TULA PILAR FERREIRA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Débora Regina Bacega¹

Resumo: Após o falecimento da poeta negra brasileira Tula Pilar Ferreira (1970-2019), identifica-se uma série de iniciativas que reapresentam tanto seus versos quanto suas performances artísticas. Nessa tessitura, a escrita, os saberes e as memórias da poética corporificada de Tula Pilar, como ficou conhecida, passam a compor também a ambiência digital, sendo tema de recitais poéticos nas redes sociais Facebook, Instagram e YouTube; de exposições virtuais na plataforma Google Arts & Culture ou de antologias literárias recém-lançadas no mercado editorial. Assim, este artigo apresenta essas práticas mnemônicas compreendidas em fluxos transversais midiáticos a partir da ótica de pesquisadores dos estudos decoloniais e dos aspectos socioculturais da memória. Espera-se demonstrar como essas práticas podem acionar a dimensão ético-política do fazer-memória de saberes ancestrais de mulheres negras enquanto patrimônio sociocultural.

Palavras-chave: memória e decolonialidade, ambiência digital, Tula Pilar Ferreira.

Considerações iniciais

“Fugi da casa da patroa / Vassoura não quero ver mais / A caneta é meu troféu / Borda as palavras no papel / É tudo o que quero dizer”². Esses são os versos de Tula Pilar Ferreira, poeta negra. Falecida em abril de 2019, ela declamava “sou uma Carolina”, fazendo referência à escritora negra brasileira Carolina Maria de Jesus³ por conta da similitudes vivenciadas por ambas. Tula Pilar nasceu em Leopoldina, Minas Gerais, em 1970. Tornou-se mãe aos 15 anos. Quatro anos mais tarde mudou-se com a família para a cidade de São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica e vendedora da revista *Ocas*⁴ que passou a publicar seus poemas. Além de participar de saraus na periferia paulistana e de festivais de literatura, Tula Pilar lançou dois livros:

¹ Doutoranda e mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM/SP. Bolsista CAPES-PROSUP. Integrante do Grupo de Pesquisa Mnemon (Memória, comunicação e consumo) CNPq/ESPM. E-mail deborabacega@gmail.com

² Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/nosmulheresdaperiferia/posts/sou-uma-carolina-por-tula-pilar-ferreirasou-uma-carolinatrabalhei-desde-meninana/370603873139798/> Acesso em: 18 abr. 2021

³ Escritora negra brasileira, autora do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2019. Mais informações em <https://www.vidaporescrito.com.> Acesso em: 19 abr. 2021

⁴ Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/uma-mineira-boa-de-verso-e-de-prosa-103905> / Acesso em: 15. out. 2020

Palavras Inacadêmicas (selo independente, 2004) e *Sensualidade de fino trato* (selo do Sarau do Binho, 2017), tendo participado da obra coletiva: *Negras de Lá, Negras Daqui* (2019)⁵.

Por outro lado, reconhecemos algumas questões como: quem de nós teve a oportunidade de conhecer a sua literatura? Quantas mulheres negras e empobrecidas podem se identificar com a sua narrativa? Quais saberes são situados e corporificados na escrita da poeta? Que vozes são silenciadas na memória sociocultural por meio de epistemicídios⁶? O que se pode recordar e de quem se pode lembrar nas entranhas dos discursos institucionalizados? A partir desses apontamentos, pretendemos problematizar como as contribuições da teoria decolonial, crítica à episteme oriunda da modernidade/colonialidade, podem corroborar com o acolhimento da narrativa compreendida na poesia de Tula Pilar em práticas memorialísticas também na ambiência digital. Para tanto, apresentamos, neste estudo de caso, proposições de pesquisadores dos estudos decoloniais e da memória sociocultural. Esperamos demonstrar como essas narrativas podem acionar a dimensão ético-política do fazer-memória.

A perspectiva decolonial e o combate aos epistemicídios

Entendemos que os estudos decoloniais oferecem a oportunidade de uma leitura crítica do fenômeno da modernidade a partir da visão dos pesquisadores Ramón Grosfoguel, María Lugones, Walter D. Mignolo, Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Catherine Walsh, Sylvia Wynter, Nelson Maldonado-Torres, entre outros. O conceito de colonialidade do poder fundamentado por Aníbal Quijano, em 1989, e amplamente utilizado por este grupo de estudiosos, expressa que as relações de colonialidade não se extinguem com o fim das colônias, mas permanecem no formato de práticas coloniais reiteradas pelo sistema capitalista moderno/colonial (GROSFOGUEL, 2016). Graças também às contribuições do psiquiatra, ensaísta e escritor martinicano Frantz Fanon, pode-se depreender que a ideia de império-colônia

⁵ Disponível em <https://www.geledes.org.br/negras-de-la-negras-daqui-antologia-junta-escritoras-africanas-e-afrobrasileiras/> Acesso em: 28 abr. 2021

⁶ Denominação cunhada pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, ver mais em Grosfoguel (2016).

estabeleceu relações que se desdobram até os dias de hoje. Em outras palavras, a conquista das Américas evidenciou a transformação do sistema de poder, até então, alicerçado na religião para outro ancorado nas diferenças raciais (MALDONADO-TORRES, 2019).

Anos depois, os teóricos decoloniais ampliam a definição em três vertentes: colonialidade do poder, do ser e do saber, contemplando as dimensões étnica, racial e de gênero. Nesse sentido, a perspectiva decolonial nos alerta que certas especificidades históricas e políticas de nossa sociedade se mantêm graças às hierarquias oriundas da modernidade/colonialismo/capitalismo. Neste ínterim, podemos destacar, por exemplo, o feminismo decolonial que aponta também uma perspectiva de análise dos entrelaçamentos de raça, classe e geopolítica que retroalimentam o racismo e a colonização (CURIEL, 2020). Assim, a compreensão conceitual de colonialidade/modernidade se torna fundamental para o entendimento dos motivos pelos quais os modos de exclusão, subalternidade e segregação ainda persistem, assim como, revelam a importância da teoria decolonial frente aos epistemicídios praticados em produções acadêmicas ou artísticas (MALDONADO-TORRES, 2019).

Sob essa ótica decolonial, acionamos os estudos sobre raça, gênero e representação nas produções culturais midiáticas (literatura, cinema) da pesquisadora norte-americana bell hooks⁷(2019) no que diz respeito ao incômodo do olhar racista, classista e sexista que se volta aos corpos e às culturas negras, herança do conceito de colonialidade mencionado anteriormente. Consequentemente, os subordinados nas relações de poder ainda vivenciam experiências em que este olhar é crítico, impositivo e opositor como se refere a autora. Por outro lado, o ato de interrogar este olhar do Outro permanece como lugar de resistência para esses subordinados nas palavras de bell hooks. Assim, reivindicar, cultivar e politizar essas relações de olhar se converte em possibilidade de resistência aos imaginários simbólico e real que ainda promovem a opressora cisão entre dois sujeitos: o que tem poder daquele que não o tem (bell hooks, 2019).

⁷ bell hooks é o nome adotado por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua bisavó Bell Blair Hooks. Disponível em: / <https://editoraelefante.com.br/quem-e-bell-hooks/> Acesso em.: 18. abr. 2021

Já a escritora, teórica e artista Grada Kilomba (2019), em diálogo com os estudos de bell hooks, afirma que o ato de escrever emerge de um ato político no qual a autora se torna narradora e escritora na condição de sujeito e não de objeto em oposição ao que foi estabelecido pelo projeto colonial que pressupõe, muitas vezes, ser definida por este Outro a que se refere bell hooks. Para tanto, a pesquisadora propõe o enfrentamento do que chama de máscara do silenciamento, imposta violentamente à comunidade negra, como explica: “nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido” (KILOMBA, 2019, p. 51).

Aqui retomamos às experiências relatadas pela poeta Tula Pilar sobre a sua relação com as patroas na condição de empregada doméstica. Durante a III Felizs (Feira Literária da Zona Sul)⁸, realizada em 2017, a escritora conta que, muitas vezes, ouviu a expressão “ponha-se no seu lugar, negrinha”⁹ ao mesmo tempo em que seus empregadores amassavam e rasgavam seus textos.

Figura 1 Tela capturada da apresentação de Tula Pilar na FelizS 2017



Fonte: Facebook do Feliz - Feira Literária da Zona Sul

A poeta também fez parte da coletânea *Inovação ancestral de mulheres negras: táticas e políticas do cotidiano* (2019), ao lado de mais 25 autoras negras. Nela, Tula

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/felizsfeiraliterariadazs/videos/tula-pilar-conversa-literaria-na-iii-felizs/2248538342033841/> Acesso em: 18 abr. 2021

⁹ Idem

Pilar escreveu *Frango verde: alimentando-me do lixão* no qual identificamos seus saberes encarnados no trecho que transcrevemos abaixo:

Ensinei aos meus filhos, desde quando eram bem pequenos, como minha mãe e minha tia fizeram, a sobreviver no imprevisto: se acabar o gás, a gente junta dois tijolos e faz um fogão à lenha. Se azedar o arroz (não tínhamos geladeira), a gente faz bolinho de arroz frito. Se coalhar o leite, fazemos bolo de fubá com canela. Se não tiver o dinheiro para pagar o ônibus, juntamos latinha, plástico Pet e levamos no ferro velho para vender. Também os ensinei, através da contação de histórias e das brincadeiras populares, a não perceberem a miséria e a fome próximas de nós e que há muitas alternativas para sobreviver na grande São Paulo (SANTANA, 2019, p. 166).

Pensando com bell hooks (2019) e Kilomba (2019), podemos inferir que essas revelações da poeta ilustram tanto o olhar do Outro (a patroa) quanto a resistência dela por meio da escritura de versos como podemos notar em: “rufam os tambores / ouçam os rumores / poder para as mulheres negras / poder e voz para as mulheres negras”¹⁰. Assim, os saberes ancestrais de Tula Pilar, corporificados em sua obra literária, tornam-se prática epistêmica político-estética frente à face cruel da colonialidade que ainda persiste em um racismo atemporal como nos lembra Kilomba.

Até aqui, discutimos a relevância da perspectiva decolonial no combate a epistemicídios das produções artísticas, intelectuais ou ativistas de mulheres negras. A seguir, ampliamos essa discussão trazendo as práticas mnemônicas da poética de Tula Pilar também nas redes midiáticas.

As práticas mnemônicas e os fluxos midiáticos

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado pode definir ou reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras entre grupos sociais distintos: partidos, sindicatos, famílias, nações etc. Em certa medida, a referência ao passado promete a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, ou seja, a memória é enquadrada nos relatos oficiais, nas vozes autorizadas, nos objetos materiais como monumentos, museus, bibliotecas etc. Porém, este trabalho de enquadramento de memória tem limites, porque a memória é também flutuante,

¹⁰ Disponível em: https://tvcultura.com.br/videos/5056_a-poesia-de-tula-pilar.html/ Acesso em: 18 abr. 2021

mutável tanto individualmente quanto coletivamente: nesse sentido, pode-se afirmar que a memória é seletiva e objeto de disputas políticas (POLLAK, 1989). Por outro lado, não existe uma memória por si mesma, mas sim a vontade de memória como condição para evitar o esquecimento. Por depender desse esforço laborioso, a própria memória se torna objeto de usos e abusos na proposição do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido. Daí a importância dos rastros mnésicos como o corpo e os lugares na condição de guardiões da memória individual e de grupos sociais (RICOEUR, 2007).

Já a pesquisadora Jô Gondar (2005, p. 16) destaca que as dimensões políticas e éticas estão implicadas na construção da memória social uma vez que esta denota a maneira como refletimos sobre o passado em prol do futuro que desejamos. Assim, nossas escolhas sobre o que conservar e o que questionar são sempre intencionais quanto ao porvir, o que nos torna responsáveis ética e politicamente. Nesse ínterim, Gondar propõe situarmos a memória enquanto reconstrução processual e não mera representação do passado, mas a articulação de sentidos, gestos, práticas, ações políticas e aos afetos. Dessa forma, a memória pode ser compreendida como “uma tentativa de dar sentido e direção” ao que nos afetou. (GONDAR, 2005, p. 25).

Nesse ínterim, observamos que, após a morte de Tula Pilar em abril de 2019, uma série de iniciativas relacionadas à divulgação de suas obras, como a publicação da antologia *Pilar: Futuro Presente - uma antologia para Tula* (2019), como ilustra a figura 2. Também identificamos que o interior da Biblioteca Pública Mário de Andrade, localizada no centro da cidade de São Paulo, passa a abrigar saraus e leituras poéticas em uma sala intitulada *Espaço Tula Pilar Ferreira*¹¹ em homenagem à poeta. Dentre as atividades culturais neste ambiente, destacamos a recente exposição *TRANSLETRAS – Augusto de Campos*, uma das iniciativas em comemoração aos 90 anos do poeta Augusto de Campos¹².

¹¹ Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/biblioteca-mario-de-andrade-inaugura-sala-multiuso>. Acesso em: 10 abr.2021

¹² Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/programacao/index.php?p=292>
32 Acesso em: 2. abr.2021

Figura 2 - Captura de tela de divulgação do livro *Pilar: Futuro Presente - uma antologia para Tula*



Fonte: Instagram da Oralituras Editora

Adicionalmente, notamos também registros audiovisuais, entrevistas e exposições com a poeta Tula Pilar nas tessituras digitais. Organizada pelo Museu da Pessoa, a exposição *Tula Pilar* inclui depoimentos da poeta e a transcrição de seus versos na plataforma digital Google Arts & Culture¹³, a exemplo do que ilustra a figura 3.

Figura 3 – Tela capturada da exposição sobre Tula Pilar Ferreira na plataforma Google Arts & Culture



Fonte: Plataforma Google Arts & Culture

¹³Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/tula-pilar-ferreira-museum-of-the-person/KAFoV2AkJFN-GQ?hl=pt-br> / Acesso em: 12 out 2020

Ainda na ambiência digital, notamos a realização de ciclos de leituras poéticas como o recital *Expresso Poesia: Tula Pilar presente por Carmen Faustino*¹⁴, realizado em fevereiro de 2021, pela Casa das Rosas, também conhecida por Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, localizada na cidade de São Paulo. Este espaço cultural, dedicado à difusão e promoção da literatura de escritores, muitas vezes, invisíveis ao mercado editorial,¹⁵ oferece cursos, oficinas, palestras, ciclos de debates, lançamentos de livros, apresentações literárias e musicais, saraus, peças de teatro, exposições ligadas à literatura.

De acordo com a entidade, o *Expresso Poesia* traz as obras de escritoras pós-tumas na visão de outras artistas. Como podemos observar na figura 4, a poeta, educadora e editora Carmen Faustino foi quem leu os poemas de Tula Pilar. Notamos que a gravação dessa apresentação poética está disponível para consulta no canal da Casa das Rosas no YouTube¹⁶, passando a compor também a dimensão midiática da memória.

Figura 4 – Captura da tela de divulgação do recital *Expresso Poesia* em homenagem à escritora Tula Pilar



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CLeiA4y1Ufb/>

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/casadasrosas/videos/expresso-poesia-tula-pilar-presente-por-carmen-faustino/207912304356291/> Acesso em: 12 abr. 2021

¹⁵ Disponível em: <https://www.casadasrosas.org.br/institucional/> Acesso em: 12 abr. 2021

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PbLDAeqBxVw> Acesso em: 15 abr. 2021

Nessa toada, identificamos o lançamento da websérie intitulada *Pilares* pelo coletivo Zona Agbara¹⁷ que criou performances coreográficas inspiradas na biografia de Tula Pilar. Previstas para maio de 2021 e contando com a participação de familiares, amigos e parceiros da poeta, as exhibições de *Pilares* ocorrem nas redes sociais Facebook e Youtube do Centro de Referência da Dança, Casas de Cultura do Campo Limpo e Tremembé, CITA, Biblioteca Adelpha Figueiredo e da própria Zona Agbara.

Como informa o texto de divulgação desse projeto, as coreografias exaltam a escrita da poeta ao denunciar a violência contra a mulher negra e ao incentivar por meio de sua poética outras mulheres, mães, empregadas domésticas. Nesse sentido, Gal Martins, responsável pela concepção, roteiro, direção artística e coreográfica dos episódios, explica:

Tula sempre me atravessou da melhor forma possível, com uma energia contagiante, sorriso largo e envolvente. Mulher à frente de qualquer tempo. Sinto-me lisonjeada de poder realizar esse projeto e celebrar a sua existência nessa terra. Pilares vem cravar no cenário cultural a memória e importância de um legado que ainda está aqui pulsando e se manterá sempre vivo em nós, mulheres negras, periféricas e ousadas¹⁸.

O episódio *Tula: corpo fogo, memórias da encruzilhada* inaugura a websérie que mescla tanto as práticas estéticas do vídeo documentário quanto do vídeo dança, como indica a figura 5. No texto de divulgação da série na página do coletivo Zona Agbara no Facebook, lemos que a proposta deste primeiro episódio é evidenciar e “femenagear (*sic*) a vida e obra de Tula Pilar Ferreira, uma das grandes poetas negras e ativista e periférica de São Paulo, que com muita dor nos deixou (...) Tula encontrou na poesia a ferramenta de expressão da sua trajetória e combate às opressões e racismo”¹⁹.

¹⁷ Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/zonaagbara/> Acesso em: 30 abr. 2021

¹⁸ Disponível em: <https://clickondance.com/novidades/novidade/9429?p=1> Acesso em: 30. Abr. 2021

¹⁹ Idem

Figura 5 – Captura de telas da divulgação do Projeto Pilares nas redes sociais



Fonte: Facebook @zonaagbara

Assim, observamos a construção e a disponibilização de novos acervos poéticos de Tula Pilar na tessitura midiática numa composição híbrida, ou seja, há elementos textuais, imagéticos ou audiovisuais que se apresentam como materialidades ora físicas, a exemplo do lançamento de livros; ora virtuais como o recital *Expresso Poesia ou Pilares* aqui mencionados. Entendemos que essas práticas mnemônicas transversais visam à difusão da memória e da preservação do patrimônio sociocultural. Embora não seja o objeto de nossa análise, reconhecemos o impacto das medidas sanitárias impostas pela pandemia de Covid-19 na profusão dessas práticas nas teias digitais.

Por outro lado, ainda que sejam consideradas práticas mínimas diante do compromisso de responsabilidade histórica com as mulheres negras, podemos compreender essas iniciativas como um gesto decolonial memorialístico ao rerepresentar a poética de Tula Pilar em novos rastros mnésicos nos fluxos midiáticos. Nesse sentido, entendemos que essas práticas, ainda que pontuais, podem impulsionar a inclusão e a seleção de novas narrativas pela memória individual e coletiva como nos indicam Pollak e Gondar, afinal, o que tem sido exaltado ou silenciado quando pensamos também na ausência de políticas públicas culturais no contexto brasileiro. O que percebemos são documentos, relatos orais e monumentos que propagam e reiteram os abusos mnemônicos da modernidade/colonialidade mencionados neste artigo anteriormente.

Acionando novamente a pesquisadora norte-americana bell hooks (2019, p. 240) quando ela diz: “ao olharmos e nos vemos, nós mulheres negras nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro”, podemos pensar que as propriedades plástica e mutável da memória também podem incluir essas narrativas no tecido social, explorando a dimensão ético-política do dever de memória como ato de inserção desses novos rastros mnésicos em nossa cultura.

Paralelamente, essa vontade de memória pode estimular a propagação e sustentação da preservação do patrimônio da cultura negra por meio de gestos decoloniais também na ambiência midiática, a exemplo das exposições virtuais sobre Tula Pilar lançadas em plataformas digitais como Facebook, YouTube e Google Arts & Culture.

Considerações Finais

A frase da poeta negra Tula Pilar “escrever é guardar as palavras no papel”²⁰ nos faz pensar sobre a emergência de adotarmos gestos decoloniais no processo de construção da memória sociocultural que vai se materializando em documentos, monumentos, objetos ou conteúdos nas redes digitais.

Nesse sentido, podemos inferir que a composição deste acervo cultural também pode representar a preservação de saberes ancestrais e corporificados, além de ampliar as vozes silenciadas de escritoras negras brasileiras, a exemplo de Tula Pilar Ferreira que apresentamos neste artigo.

Por outro lado, em sua dimensão ético-política, essas práticas mnemônicas transversais passam a compor o ato de fazer-memória de tantas outras mulheres negras que ainda sofrem a crueldade colonial todos os dias.

²⁰ Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/tula-pilar-ferreira-museum-of-the-person/KAFoV2AkJFN-GQ?hl=pt-br> / Acesso em: 12 out 2020

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 11, p. 89-117. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em.: 18 abr. 2021

BARBOSA, Helen Campos. Filhas da diáspora: uma revisão teórica sobre experiência estética numa perspectiva feminista e antirracista. In: ALMEIDA, Gabriela, CARDOSO FILHO, Jorge (orgs.). **Comunicação, Estética e Política: epistemologias, problemas e pesquisas**. Curitiba: Appris, 2020, p. 15-3

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 121-138.

FERREIRA, Tula Pilar. Vinte e quatro horas de sedução. **Revista Firminas**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 253, jan/jul, 2021. Disponível em https://mariafirmina.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Vinte-e-quatro-horas-de-seducao-%E2%80%93Tula-Pilar_253.pdf Acesso em: 10 abr. 2021

FERREIRA, Tula Pilar. **Palavras Inacadêmicas**. São Paulo: Selo Independente, 2004.

FERREIRA, Tula Pilar. **Sensualidade de fino trato**. São Paulo: Selo Sarau do Binho, 2017.

FRANTZ, Fanon. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREITAS, Maitê; FAUSTINO, Carmen. (orgs.). **Pilar: Futuro Presente - uma antologia para Tula**. São Paulo: Oralituras, 2019.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Org). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00025.pdf>. Acesso em.: 18 out 2020

GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

hooks, bell. olhar opositor: mulheres negras espectadoras. In: hooks, bell. **olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 2. n. 3, 1989, p 3-15. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2278/1417>

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SANTANA, Bianca. **Inovação ancestral de mulheres negras: táticas e políticas do cotidiano**. São Paulo: Imantra Comunicação, 2019.

TORRES-MALDONADO, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze, TORRES-MALDONADO, Nelson, GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.